

# Orquestra Jazz de Matosinhos

**Pedro Guedes** direcção musical  
**Gileno Santana** trompete

**11 Out 2020 · 21:30 Sala Suggia**

**OUTONO EM JAZZ**



**casa da música**

MECENAS OUTONO EM JAZZ

 **EuroBic**



Pedro Guedes e Gileno Santana sobre o concerto.  
Vimeo . COM / 465328976

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



APOIO

## Miles Ahead & Porgy and Bess

Arranjos de Gil Evans

Há quase um ano, a Orquestra Jazz de Matosinhos tocou nesta sala a música de uma figura que, apesar de não muito conhecida do público geral, influenciou os caminhos que o jazz tomou a partir dos anos 50 — George Russell. Hoje a música é outra mas os pontos de contacto são muitos, começando desde logo pela cave que juntava regularmente este e outros músicos, então ainda jovens: Gerry Mulligan, Lee Konitz, Johnny Carisi e John Lewis, ocasionalmente Dizzy Gillespie e Charlie Parker — e, através de Parker, um Miles Davis com vinte e poucos anos. A cave na West 55th Street, em Nova Iorque, era o apartamento onde morava Gil Evans (1912-1988) desde que tinha terminado o serviço militar, em 1946. Aí se debatia o futuro do jazz: “Era como uma escola esotérica e Gil era o professor. O mais importante que dali saiu foi o facto de todos sermos encorajados a procurar atingir o impossível... Era uma sorte podermos ver as coisas através dos olhos de Gil”, diria Russell mais tarde.

O mais significativo e imediato resultado desses encontros foi uma série de gravações em noneto, lideradas por Miles Davis (1926-1991) e editadas de forma avulsa entre 1949 e 1950 — e, mais tarde, reunidas no famoso álbum *Birth of the Cool* (1957). Aí, os arranjos ganhavam uma proeminência pouco comum e trabalhavam o som do ensemble para lá do universo dos pequenos grupos de bebop. Gil Evans arranhou apenas dois dos temas, mas teve um grande peso na abordagem seguida por todos os participantes — uma abordagem que tinha por base o som da big band de Claude Thornhill, diferente de todas as outras do seu tempo. Esta orquestra, com a qual trabalharam Evans e Mulligan, era já um

laboratório de orquestração desafiante que integrava instrumentos menos usuais como as trompas e a tuba.

Quando Miles Davis assina contrato com a Columbia, teve (e tivemos nós) a sorte de uma grande editora poder ser, então, mais do que uma fábrica de êxitos previsíveis. Pelo contrário, o produtor George Avakian quis fazer algo novo e sugeriu juntar Miles Davis e Gil Evans, solista e arranjador, numa banda de 20 elementos que se afirmava herdeira do cool jazz. Os arranjos não eram os de uma big band clássica, com a contraposição característica de naipes bem definidos, mas antes uma procura de timbres ainda desconhecidos — com especial protagonismo dos metais, sendo os sopros de palheta usados essencialmente pela diversidade de colorido que imprimiam. O espaço para os solos tinha de ser bastante aberto à imaginação melódica, livre de progressões harmónicas frenéticas que já as gravações do *Birth of the Cool* tinham recusado desde 1949 — favorecendo o tal olhar “modal” que George Russell sistematizou do ponto de vista académico. A grande facilidade em levar a cabo este projecto era que se tratava de juntar dois músicos que nutriam uma admiração mútua entre si: Gil Evans via em Miles Davis o primeiro trompetista a criar um som novo, desde Louis Armstrong, e a libertar-se da enorme influência deste; Miles Davis tinha uma confiança sólida na capacidade de Gil Evans levar ao fundo as ideias musicais mais improváveis. Os dois traziam o ímpeto de procurar o novo, de dentro para fora, fazendo a música que melhor servia a sua própria expressão artística.

Um dos aspectos-chave para a apresentação deste repertório em concerto é a predominante ausência de vibrato nos sopros — em linha do que praticava a orquestra de Claude Thornhill e, na verdade, se tornou uma marca



bem conhecida da expressão de Miles Davis. Sem vibrato, as harmonias densas ganham clareza mas exigem também uma grande fusão entre as diferentes vozes, revelando-se um desafio exigente mesmo para uma big band experiente — com a dificuldade acrescida de se tratar de arranjos escritos para o estúdio e não para serem tocados ao vivo, o que obriga a um reequilíbrio das vozes através da amplificação.

O primeiro disco gerado pela dupla Davis-Evans foi *Miles Ahead*, em 1957, concebido pelo arranjador como uma suite contínua, sem interrupção entre as faixas. O que marca o disco não é propriamente o repertório escolhido, mas sim o trabalho criativo de recomposição que Gil Evans leva a cabo e que, nesse sentido, pode ser visto como muito mais do que simples arranjos. É isso que lhe permite partir de temas como “Les Filles de Cadix” do compositor francês de óperas e bailados Léo Delibes, aqui transformado em “The Maids of Cadiz”,

ou mesmo criar um “Blues for Pablo” quase impressionista a partir de uma melodia do bailado *O Chapéu de Três Bicos* do espanhol Manuel de Falla. Outros temas do mesmo disco incluídos na selecção feita para este concerto da OJM são “New Rhumba” do pianista Ahmad Jamal, num arranjo muito colado ao original em trio, em jeito de homenagem — sendo Jamal um músico de referência para Miles; “My Ship”, canção melancólica de Kurt Weill cuja simplicidade contrasta com a riquíssima re-harmonização de Evans; “The Duke” de Dave Brubeck; “Springsville” de John Carisi; e “Miles Ahead”, composição assinada por Gil Evans.

O segundo projecto de Miles Davis e Gil Evans para a Columbia foi centrado na música de George Gershwin para a ópera revolucionária *Porgy and Bess*, que vale a pena contextualizar. O cenário é Catfish Row, imaginado por DuBose Heyward no seu romance *Porgy*. Um entusiasta da expressão *folk* americana e da

sua integração na música erudita, Gershwin conviveu desde cedo com a cultura negra — a sua família tinha origens em Harlem, onde os fluxos migratórios fizeram cruzar as comunidades judaica e afro-americana no início do século XX. Enquanto compunha a ópera, passou algumas temporadas com Heyward em Charleston, na Carolina do Sul, onde contactou de perto com as casas, as igrejas e os clubes nocturnos dos negros Gullah, comunidade conhecida por melhor preservar os costumes ancestrais e por usar um dialecto onde o inglês se mistura com palavras e com características gramaticais de origem africana. Este aspecto influenciou muito particularmente a linguagem usada pelas personagens de *Porgy and Bess*, o que obviamente está ausente neste concerto em que as vozes solistas se tornam exclusivamente instrumentais.

Do disco de Miles Davis destaca-se naturalmente “Summertime”, uma canção de embalar e a ária mais famosa de toda a ópera, com um arranjo tão certo de Gil Evans que a tornou, também nesta versão, um clássico intemporal. Além de temas também bem conhecidos como “Bess, You Is My Woman Now”, “I Loves You Porgy” e “It Ain’t Necessarily So”, entre outros, esta interpretação inclui também a única peça do disco composta por Gil Evans: “Gone”. O álbum foi gravado em 1958 e editado no ano seguinte, alcançando excelentes críticas e sucesso comercial. Voltando à influência de George Russell no que respeita à linguagem modal, percebe-se melhor o que representou se lermos algumas linhas do próprio Miles Davis: “Quando Gil fez o arranjo de ‘I Loves You, Porgy’, escreveu apenas uma escala para mim. Nenhum acorde... isto dá muito mais liberdade e espaço para se ouvir coisas... há poucos acordes mas o que se pode fazer com eles ganha possibilidades infinitas.”

Outro capítulo importante se seguiria nesta parceria: o álbum *Sketches of Spain*. Ao longo dos anos, a música dos três álbuns foi sendo transcrita e reinterpretada por outros músicos, até que, em 1996, foram descobertas três caixas numa arrecadação que tinha sido arrendada por Miles Davis. Uma das primeiras pessoas a analisar o seu conteúdo foi Jeffrey Sultanof, identificando as partituras destes três álbuns e até algumas partes individuais usadas nas gravações. Nas suas palavras, “quando se compara estas partituras originais com as transcrições, imediatamente se conclui que é inútil sequer tentar transcrever a música de Gil, porque ele repetidamente engana o ouvido.” Jeffrey Sultanof, Rob Duboff e Dylan Canterbury são os editores responsáveis por tornar esta música disponível para estudo e interpretação.

Como se sabe, Miles partiria para experiências bem diferentes ao longo dos anos seguintes e continuou a ser protagonista de várias revoluções. Mas em todas elas reafirmou o que o levou a gravar com Gil Evans: que perseguia constantemente um meio para expressar a sua arte com a maior profundidade que sabia. “Man, sometimes it takes you a long time to sound like yourself.”

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2020

## **Pedro Guedes** direcção musical

Oriundo de uma família com forte tradição musical, Pedro Guedes estudou piano com uma professora particular entre os 5 e os 9 anos de idade. Em meados dos anos 80, ingressou na recém-criada Escola de Jazz do Porto, onde foi aluno de Mário Laginha. Neste período, foi presença habitual como pianista em bares e outros palcos e integrou a primeira formação da Orquestra de Jazz do Porto. Frequentou o Conservatório de Música do Porto com Vitali Dotsenko. A inexistência de oferta educativa na área do jazz em Portugal levaram-no a mudar-se para Nova Iorque em 1992, sendo admitido na New School for Jazz and Contemporary Music, onde concluiu o curso em 1994. Durante este período estudou com alguns dos mais reputados músicos de jazz (Richie Beirach, Fred Hersch, Brad Mehldau, Jim Hall e Joe Chambers, entre outros). De regresso a Portugal, criou o Quinteto Pedro Guedes, para o qual compôs música original e que o levou a festivais e clubes de Portugal, Espanha e França. Em 1995 tornou-se Director Musical da Walt Disney em Portugal, e em 1997 fundou e dirigiu a Hérítage Big Band, orquestra que interpreta composições e arranjos originais de standards e que mais tarde daria origem à Orquestra Jazz de Matosinhos.

Em 1997 regressou aos EUA, ingressando na University of Southern California em Los Angeles, onde frequentou a pós-graduação em Scoring for Motion Picture and Television como bolseiro da Comissão Cultural Luso-Americana (comissão Fulbright) e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Concluiu a pós-graduação no ano seguinte com o prémio da USC (International Student Award) e o prémio de Composição Harry Warren. Entre 1998 e 2001 foi programador do Festival de

Jazz do Porto. Foi ainda coordenador e programador da área do Jazz na Capital Europeia da Cultura — Porto 2001.

Em 1999 fundou a Orquestra Jazz de Matosinhos, da qual é actualmente Director Artístico, Director Musical (em parceria com Carlos Azevedo), compositor, arranjador e pianista.

Após leccionar na Universidade Católica Portuguesa e no Departamento de Teatro da ESMAE, foi um dos fundadores da primeira Licenciatura em Jazz do país, também na ESMAE — Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo. Desde então é professor em regime de exclusividade deste curso, que coordena há quatro anos.

## Gileno Santana trompete

Gileno Santana é um trompetista e compositor luso-brasileiro nascido em Salvador (Bahia, Brasil). Venceu a competição internacional de jazz BEJAZZ'14 em Berna (Suíça) com o Grupo Egli-Santana. Recebeu a Medalha de Honra da Ordem de Músicos do Estado de São Paulo e foi o primeiro músico luso-brasileiro a ser palestrante na Universidade de Harvard.

Gileno Santana começou a estudar música em 2003, no Brasil, e dois anos depois participou na gravação do álbum *Bahia Band* do saxofonista americano Mike Ellis. Em 2006 mudou-se para Portugal para estudar no Hot Club de Portugal e na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto.

Em 2008 foi convidado a integrar a Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM). Como *lead trumpet*, trabalhou com Jim McNeely, Chris Cheek, Mark Turner, Ohad Talmor, Andy Sheppard, Lee Konitz, Kurt Rosenwinkel, Maria Schneider, Carla Bley, Steve Swallow, Dan Weiss, Maria João, Mayra Andrade, Julian Argüelles, Florian Ross, Pierre Bertrand, Michael Mantler, Fred Hersch e muitos outros. Participou em cinco álbuns da orquestra e actuou em prestigiados palcos nacionais e internacionais, com destaque para a Wiener Konzerthaus (Áustria) e o clube Blue Note (Nova Iorque).

A discografia a solo de Gileno Santana inicia-se em 2010, como líder do GS Quartet. No seu primeiro álbum, *Início*, teve a companhia dos renomados músicos Hermeto Pascoal e Hamilton de Holanda. O seguinte, *Metamorphosis* (Caligola Records), foi considerado pela crítica um dos melhores álbuns do ano. Em 2016 apresentou o seu terceiro disco, *Inevitável* (Caligola Records), em duo com o guitarrista Tuniko Goulart, que alcançou um nível de popularidade mundial — a sua composição

“Malaco” tornou-se viral nas redes sociais, com a participação de mais de 100 músicos de várias partes do mundo. Com este álbum fez uma longa digressão por Portugal, República Checa, Hungria, Áustria, Suíça, Coreia do Sul e Inglaterra. Em 2017, em duo com a acordeonista Inês Vaz, Gileno Santana apresentou o seu quarto álbum, *Ciranda*, dedicado a música tradicional portuguesa.

O seu trabalho como arranjador inclui colaborações com artistas portugueses de grande sucesso. É constantemente solicitado para sessões de estúdio e concertos ao vivo com alguns dos maiores artistas do país, do rock à pop. Internacionalmente, colaborou com Tony Allen, Amp Fiddler, Munir Hossn, James Morrison, Edmar Castaneda, Andy Hunter, Marshall Gilkes, Bob Stewart, Thomas Gansch, Dick Oats, Hermeto Pascoal, Adam Rapa e Maceo Parker. Em 2015 e 2017, foi solista convidado em dois concertos da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música com o cantor Gregory Porter. Colaborou com o projecto italiano PoLo, com o qual gravou o álbum *Pleasures* (Auand) e realizou dezenas de concertos no Norte de Itália. Na Suíça, é membro do Grupo Egli-Santana e da DRO David Regan Orchestra.

Gileno Santana é frequentemente convidado a ministrar masterclasses e workshops em diferentes partes do globo. Tem viajado pelos cinco continentes, incluindo países como Japão, Austrália, Colômbia, Cabo Verde e Áustria. Em Outubro de 2017, foi professor residente da famosa Australian University James Morrison Academy em Mount Gambier. Ensina trompete jazz no Conservatório de Música do Porto.

É patrocinado por marcas internacionais de trompete como Inderbinen, Schagerl, Applied Microphone Technology e Joyo, e é também um dos embaixadores portugueses da marca de roupas britânica Fred Perry.

## Orquestra Jazz de Matosinhos

A Orquestra Jazz de Matosinhos é uma instituição sem fins lucrativos que tem por objectivo promover a criação, a investigação, a divulgação e a formação na área do jazz. Criada em 1997, conta com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos desde 1999. Cruza ambição internacional com sentido de responsabilidade local e investe de forma continuada no desenvolvimento de projectos artísticos diversificados, projectos formativos coerentes e na edição discográfica de jazz português. Pioneira num território largamente inexplorado, a OJM cumpre o papel de Orquestra Nacional de Jazz.

A 5 de Outubro de 2017, ano em que celebrou 20 anos, a OJM foi convidada a participar nas comemorações do 107.º aniversário da Implantação da República, no Palácio de São Bento em Lisboa, e recebeu a Medalha de Mérito Cultural do Primeiro-Ministro e do Ministro da Cultura.

No papel de orquestra nacional de jazz, apresenta repertórios de todas as variantes estéticas e épocas do jazz. Dirigida por Pedro Guedes e Carlos Azevedo, colaborou com Maria Schneider, Carla Bley, Lee Konitz, John Hollenbeck, Jim McNeely, Kurt Rosenwinkel, João Paulo Esteves da Silva, Carlos Bica, Ingrid Jensen, Bob Berg, Conrad Herwig, Mark Turner, Rich Perry, Steve Swallow, Gary Valente, Dieter Glawischnig, Stephan Ashbury, Chris Cheek, Ohad Talmor, Joshua Redman, Andy Sheppard, Dee Dee Bridgewater, Fred Hersch, Rebecca Martin, Peter Evans, Fay Claassen, Kiko Freitas, Maria Rita, Maria João, Mayra Andrade, Manuela Azevedo, Sérgio Godinho e Manel Cruz. Partilhou o palco com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, o Remix Ensemble Casa da Música, o Drumming e o Quarteto de Cordas de Matosinhos. A parceria

que desenvolve com a Casa da Música desde 2007 dá lugar à apresentação de dois projectos inéditos por ano nesta sala de concertos. Em 2019, na 11.ª edição do ciclo Novos Talentos do Jazz, a OJM convidou pela primeira vez um jovem músico espanhol, alargando a partir de então o projecto a toda a Península Ibérica.

A OJM actua regularmente nas principais salas do país e tem feito digressões a várias cidades da Europa e dos Estados Unidos, incluindo Barcelona (residência de quatro anos no Voll-Damm Festival Internacional de Jazz de Barcelona), Belgrado, Bruxelas, Marselha, Viena, Milão, Boston e Nova Iorque. Nesta cidade, realizou temporadas nos clubes Birdland, Jazz Standard, Jazz Gallery e Iridium, fez uma residência no Blue Note e foi a primeira formação portuguesa de jazz a participar num festival norte-americano — JVC Jazz Festival, Carnegie Hall, em 2007.

Desde 2018, a OJM desenvolve um projecto de itinerância nacional com quatro concertos (um por ano), que leva às salas de todo o país o repertório tradicional para big band, a música escrita de compositores portugueses para este tipo de formação e uma última fase dedicada a mostrar os novos talentos do jazz. A itinerância nacional já passou por teatros de cidades como Bragança, Vila Real, Ponte de Lima, Caldas da Rainha, Fundão e Setúbal.

A discografia da OJM é o reflexo de algumas das suas colaborações mais sólidas: *Orquestra Jazz de Matosinhos Invites: Chris Cheek* (Fresh Sound New Talent, 2006); *Portology*, com Lee Konitz como compositor e solista principal (Omnitone, 2007); *Our Secret World* com Kurt Rosenwinkel, lançado nos EUA e em Portugal (WomMusic, 2010); *Amoras e Framboesas* com a cantora Maria João (Universal Music, 2011); *Bela Senão Sem* com arranjos originais sobre a música do pianista João Paulo Esteves da Silva



(TOAP, 2013); *Jazz Composers Forum: today's european-american big band writing*, trabalho que resultou da gravação de oito encomendas feitas a oito compositores — quatro americanos e quatro europeus — para o ciclo de concertos com o mesmo nome (TOAP, 2014); *Unsolvable Problems* (Improbable Records, 2019) com a música do compositor Carlos Guedes; e *Jazz in the Space Age* (o primeiro disco com o selo CARA, 2020), uma revisitação ao histórico álbum de George Russell, gravado ao vivo na Casa da Música com João Paulo Esteves da Silva e José Diogo Martins como convidados, e editado digitalmente.

A partir de 2018, a orquestra tem a sua nova casa na Real Vinícola em Matosinhos. Um espaço com 800m<sup>2</sup> onde se promove o diálogo entre arte, ciência e tecnologia, designadamente através de projectos multidisciplinares que visem a investigação e o desenvolvimento de soluções para a criação, a fruição e a disseminação de conteúdos criativos. É lá também que está instalado o CARA — Centro de Alto Rendimento Artístico, com dois estúdios e uma sala de ensaios. Inaugurado oficialmente em Setembro de 2018, este novo espaço tem dado à OJM e à comunidade uma série de novas oportunidades para se tocar e ouvir jazz.

#### **Madeiras**

Olavo Barros  
João Guimarães  
João Pedro Brandão  
Mário Santos  
Rui Teixeira

#### **Trompetes**

Luis Macedo  
Ricardo Formoso  
Rogério Ribeiro  
Javi Pereira  
Pedro Jerónimo

#### **Trompas**

Nelson Silva  
Pedro Fernandes  
Nuno Silva

#### **Trombones**

Paulo Perfeito  
Álvaro Pinto  
Andreia Santos  
Gonçalo Dias

#### **Tuba**

Sérgio Carolino

#### **Secção Rítmica**

José Carlos Barbosa (contrabaixo)  
Marcos Cavaleiro (bateria)





APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

